

## Totalitarismo e linguagem.

Cláudia Carneiro Peixoto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho examina a linguagem utilizada nos regimes totalitários, em consonância com os registros feitos por Hannah Arendt, sobretudo em sua obra *Origens do Totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalem*. A partir deste exame, percebe-se que a linguagem se constituía em um elemento de dominação totalitária, um veículo para o uso da propaganda na reiteração de mentiras e por meio do uso frequente de eufemismos e clichês.

**Palavras-chave:** linguagem, totalitarismo, Hannah Arendt.

### 1 – Totalitarismo como novidade

Hannah Arendt (1906-1975) tem sido considerada uma das pensadoras mais importantes do século XX. A autora, cuja vida está imbricada a eventos históricos como a II Guerra Mundial e os campos de concentração, dedicou-se a compreender tais acontecimentos, de modo que o seu pensamento se constituiu em um esforço no sentido de enfrentar a realidade de modo consciente, suportando o fardo dos acontecimentos e resistindo diante do perigo de que atrocidades já vivenciadas - como os campos de concentração e os regimes totalitários -, voltem a ocorrer<sup>2</sup>. A compreensão, o enfrentamento e a vinculação à realidade são temas que, a partir da experiência dos campos de concentração e o desdém dos movimentos totalitários pela textura da realidade, delineiam a reflexão arendtiana<sup>3</sup>.

Em *Origens do Totalitarismo*, obra publicada em 1951, a autora destaca o caráter de “novidade”, ou seja, de ausência de precedentes dos governos totalitários em relação a todos os outros regimes políticos experimentados pela História Ocidental. Assim, aduz Arendt<sup>4</sup>:

Se existe uma experiência básica que encontre expressão no domínio totalitário, então, *dada a novidade da forma totalitária de governo*, deve ser uma experiência que, por algum motivo, nunca antes havia servido como base para uma estrutura política, e cujo ânimo geral – embora conhecido sob outras formas – nunca antes permeou e dirigiu o tratamento as coisas públicas.

<sup>1</sup> Doutoranda em História da Literatura. Mestre em Ética e Filosofia Política (UFPel). Mestra em Direito e Justiça Social (FURG). Especialista em Filosofia do Direito (UFU). E-mail: [carneiropeixoto@yahoo.com.br](mailto:carneiropeixoto@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> ARENDT, 1989, p. 512, grifos nossos.

<sup>3</sup> PEIXOTO, 2012, p. 20.

<sup>4</sup> ARENDT, 1989, p. 513, grifos nossos.

O totalitarismo, enquanto regime sistêmico de dominação e controle absoluto, jamais havia sido experimentado ou registrado antes, desafiando as categorias da Filosofia Política, da Ciência Política e do Direito quanto ao seu entendimento.

Deve-se ainda considerar que o totalitarismo não pode ser confundido com as tiranias e ditaduras, impondo, ao estudioso, imenso cuidado, inclusive no uso do termo “totalitarismo”<sup>5</sup> para indicar regimes autoritários. Neste contexto, é possível identificar, dois regimes totalitários “autênticos”<sup>6</sup> apontados por Arendt, a saber, o nazismo e o stalinismo, que tiveram o seu apogeu durante a II Guerra Mundial, com elementos próprios que os caracterizam e individualizam, e que devem ser analisados em suas especificidades. Dentre tais elementos, podemos destacar a ascendência da polícia secreta sobre o aparelho militar<sup>7</sup>, o terror como forma de governo<sup>8</sup>, a erradicação completa da liberdade e espontaneidade humanas<sup>9</sup> e a propaganda como um dos instrumentos mais importantes utilizados nos regimes totalitários para enfrentar o mundo não-totalitário<sup>10</sup>.

O presente trabalho volta-se, assim, para a análise da propaganda e a sua relação com a linguagem. Almeja-se demonstrar, tendo por base o pensamento arendtiano, como a propaganda totalitária desvincula o homem da realidade, por meio da proliferação da mentira - que pensada na contemporaneidade, assume os contornos de *fakenews* -, e de sua transmutação em “verdades” forjadas – pós-verdades -, bem como do uso de eufemismos e de clichês que impedem o acesso ao senso comum, sentido que liga os homens ao mundo e propicia o seu compartilhamento.

## 2 – Linguagem e afastamento da realidade

Ao refletir sobre a propaganda nos regimes totalitários, Arendt remonta aos sofistas antigos e o modo como estes utilizavam a persuasão a fim de obter uma vitória passageira com seus argumentos mesmo que sacrificando a verdade. Para a autora, tal expediente implicava na destruição da dignidade do pensamento humano. Por outro lado, os “sofistas modernos” buscam uma vitória mais duradoura, mas a obtêm com o sacrifício da realidade, ou seja, com a destruição da dignidade da ação<sup>11</sup>. O problema que se apresenta é o de que com a destruição da dignidade da ação perde-se a própria realidade enquanto instância que

<sup>5</sup> ARENDT, 1989, p. 343.

<sup>6</sup> ARENDT, 1989, p. 469.

<sup>7</sup> ARENDT, 1989, p. 349.

<sup>8</sup> ARENDT, 1989, p. 26.

<sup>9</sup> ARENDT, 1989, p. 455.

<sup>10</sup> ARENDT, 1989, p. 393.

<sup>11</sup> ARENDT, 1989, p. 29.

direciona e conduz os homens em suas escolhas e juízos. Nesse sentido, deve-se analisar que os fatos podem ser manipulados a ponto de tornarem a realidade e a ficção indistintas, momento em que se perde também a estabilidade que nos insere no mundo e que proporciona o terreno para sermos partícipes dos interesses coletivos. Na situação de alheamento extremo, em que a atomização do indivíduo se completa, há também a transformação dos indivíduos em seres autômatos<sup>12</sup>.

Para a instauração e consolidação dos regimes totalitários, a propaganda ocupou um papel de grande importância, cabendo-lhe a função de turvar a realidade. Os meios mais utilizados para distorcer o mundo real foram, no caso do nazismo, os discursos de Hitler e de Goebbels<sup>13</sup>. Além disso, a propaganda totalitária não visava conquistar ou atrair aqueles que já tinham sido convertidos às ideologias nazistas ou stalinistas, mas objetivava alcançar as massas, como salienta Arendt<sup>14</sup>:

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora – sejam as camadas não-totalitárias da população do próprio país, sejam os países não-totalitários do exterior.

A propaganda totalitária caracterizava-se por apresentar de forma reiterada, isto é, repetitiva, uma linguagem indiretamente ameaçadora, baseada na urgência da realização das premissas doutrinárias nazistas e stalinistas, como as leis da natureza e da história, cujo movimento ininterrupto teria como objetivo realizar o “destino” do movimento, ou seja, a concretização das leis da natureza e da história. Em prol de ambas, eram necessárias, por exemplo, a realização do ideal de pureza étnica e a manutenção do movimento da história, capaz de erradicar as classes indesejáveis<sup>15</sup>. A ameaça ou tensão presente na propaganda nazista, por exemplo, na observação de Klemperer, indicava a inicial insegurança, o medo de Hitler e a constante preocupação de prender os “inimigos do Estado”<sup>16</sup>.

Ao mesmo tempo em que as leis da natureza e da história significavam uma ameaça indireta de não pertencimento ao mundo totalitário, elas mantinham-se como um símbolo de coerção, na medida em que impunham uma verdade indiscutível e autoevidente. Sob este viés, obtempera:<sup>17</sup>

<sup>12</sup> ARENDT, 2008, p. 32.

<sup>13</sup> KLEMPERER, 2009, p. 54.

<sup>14</sup> ARENDT, 1989, p. 391.

<sup>15</sup> ARENDT, 1989, p. 394.

<sup>16</sup> KLEMPERER, 2009, p. 77.

<sup>17</sup> ARENDT, 1989, p. 395.

A propaganda totalitária aperfeiçoou o cientificismo ideológico e a técnica de afirmações proféticas a um ponto antes ignorado de eficiência metódica e absurdo de conteúdo porque, do ponto de vista demagógico, a melhor maneira de evitar discussão é tornar o argumento independente de verificação no presente a afirmar que só o futuro lhe revelará os méritos.

Destinada às massas, ou seja, às camadas da população que já haviam perdido qualquer identidade de classe ou objetivos políticos, constituindo-se de indivíduos facilmente atomizados, a propaganda totalitária potencializava a inclinação das massas de fugir da realidade para a ficção, em uma clara recusa à fortuidade e aos riscos inerentes ao mundo real, optando por um mundo construído artificialmente, com base em falsas coerências<sup>18</sup>.

Deste modo, a linguagem utilizada na propaganda propiciava um mascaramento protetivo, uma blindagem contra os “golpes que a vida e as experiências verdadeiras infligem aos seres humanos e às suas expectativas”<sup>19</sup>, promovendo a oportunidade de se rebelarem contra a realidade sem que houvesse um sentimento claro de perda da mesma. O sentimento de perda da realidade era evitado pela substituição do pertencimento a um mundo real pelo apego a construções fictícias, coerentes e previsíveis, porém, baseadas na proliferação incontida de mentiras.

Quando a ficção superava a realidade tornava-se dispensável o uso da propaganda<sup>20</sup>. Isto ocorria porque o indivíduo, incapaz de discernir o real do fictício, não precisava mais ser persuadido pelos líderes totalitários quanto à veracidade de sua fala ou da necessidade de seus atos. Tornava-se o súdito ideal de um regime que se sustentava pela indistinção entre o verdadeiro e o falso<sup>21</sup>, cujo princípio norteador era o terror. Nas palavras de Arendt<sup>22</sup>:

Só o terror poderia confiar na mera ficção, mas mesmo as ficções sustentadas pelo terror dos regimes totalitários ainda não se tornaram completamente arbitrárias, embora sejam geralmente mais grosseiras, mais descaradas e mais originais que as ficções geradas pelos movimentos.

O curioso, no âmbito dos regimes totalitários, é que, de um lado a linguagem propugnada pela propaganda era baseada em concepções fantásticas e apocalípticas do mundo e, do outro, após a instalação do domínio totalitário, a linguagem utilizada no cotidiano dos súditos era baseada em clichês e eufemismos que amenizavam a realidade e eram alheios às

<sup>18</sup> ARENDT, 1989, p. 401.

<sup>19</sup> ARENDT, 1989, p. 402.

<sup>20</sup> ARENDT, 1989, p. 463.

<sup>21</sup> ARENDT, 1989, p. 526.

<sup>22</sup> ARENDT, 1989, p. 403.

atrocidades do mundo totalitário, como, por exemplo, a eliminação em massa de judeus, nos campos de concentração.

### 3 – Mentiras e clichês

A consolidação dos movimentos totalitários na Europa, durante o período da II Guerra Mundial, exigiu a habilidade de seus líderes em manipular a verdade factual, em deturpar a história presente e passada em prol de suas doutrinas. Neste sentido, o uso da mentira como fonte de persuasão foi fundamental para o projeto de dominação totalitária. Importante observar que a mentira reflete a intenção ou o desejo de enganar alguém ou de ocultar-lhe algo que lhe seria útil saber<sup>23</sup>.

O passo entre a propaganda baseada na mentira e a realização ou concretização da mentira que ocorre na transmutação de uma ficção em realidade requer ora a anulação dos fatos verdadeiros, suprimindo-os da história e do cotidiano, ora a interferência ativa nos fatos, alterando-os ou descaracterizando-os. Em ambos os casos, é necessário que exista um controle absoluto por parte do líder totalitário que, ao obter o controle total e a extirpação da liberdade humana, está pronto para substituir a propaganda pela violência pura, único meio capaz de “dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras totalitárias”<sup>24</sup>.

Um exemplo da maleabilidade e perversão dos fatos nas mãos dos líderes é a história oficial, denunciada como uma fraude que visava enganar o povo<sup>25</sup> e as predições totalitárias que, em seu caráter profético, eram cumpridas, numa demonstração de controle absoluto do governante totalitário. No momento em que a mentira podia ser confirmada pelo líder totalitário, perdia-se, por completo, a consistência do mundo, a capacidade humana de partilhá-lo com o seu semelhante<sup>26</sup>.

A linguagem escrita ou oral, disseminada em um regime totalitário, tem como característica a pobreza e a homogeneidade, pois, ao intentar criar um mundo uniforme, os líderes totalitários tornam também a linguagem uniforme, privada de qualquer incremento oriundo da espontaneidade e criatividade dos indivíduos<sup>27</sup>:

Livros, jornais, formulários e escritos oficiais de qualquer posto de serviço – tudo isso boiava no mesmo molho marrom, e a partir dessa uniformidade absoluta da linguagem escrita explicava-se a uniformidade da fala.

<sup>23</sup> FORTI, 2008, p. 21.

<sup>24</sup> ARENDT, 1989, p. 390.

<sup>25</sup> ARENDT, 1989, p. 383.

<sup>26</sup> FORTI, 2008, p.23.

<sup>27</sup> KLEMPERER, 2009, p. 51.

Deve-se acrescentar à uniformidade da linguagem o uso indiscriminado de clichês, os quais substituíam os juízos reflexivos e a capacidade de julgar dos indivíduos, impondo-se de maneira incontestável, como fórmulas aplicáveis a fatos e situações, mesmo as mais terríveis e inacreditáveis. Nas palavras de Klemperer<sup>28</sup>:

O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente.

Além do uso excessivo e massacrante de clichês, durante os regimes totalitários, a linguagem foi deturpada até que o sentido das palavras se desfigurasse completamente. Sob a perspectiva do súdito ideal do governo totalitário que era o indivíduo completamente atomizado e desprovido de liberdade, cujas instâncias mais íntimas, como a vida privada, desapareceram, a perversão da linguagem teve seu ponto culminante nos campos de concentração, em que o terror se instalava de modo a que não remanescesse nenhuma margem de espontaneidade humana. A destruição da fala espelhava a destruição da liberdade humana, a redução do ser humano à condição do animal biológico, a um feixe de reações condicionadas. Nas palavras de Arendt<sup>29</sup>:

O poder total só pode ser conseguido e conservado num mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o mais leve traço de espontaneidade. Exatamente porque os recursos do homem são tão grandes, só se pode dominá-lo inteiramente quando ele se torna um exemplar da espécie animal humana.

Por outro lado, sob a perspectiva dos indivíduos envolvidos no complexo de dominação totalitária, a deturpação da linguagem se constituía como um dos aparatos do terror. Como observa Steiner<sup>30</sup>: “A linguagem foi virada do avesso para dizer “luz” onde havia negrume e “vitória” onde havia derrota”.

O caso do funcionário nazista Adolf Eichmann demonstrou como o mal político dominou a linguagem no regime totalitário nazista. Eichmann era o chefe do departamento da Gestapo responsável pela eliminação de judeus. Contudo, em 1938, a tarefa de Eichmann foi definida eufemisticamente como de “emigração forçada”<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> KLEMPERER, 2009, p. 55.

<sup>29</sup> ARENDT, 1989, p. 508.

<sup>30</sup> STEINER, 1988, p. 139.

<sup>31</sup> ARENDT, 1999, p. 56.

Os eufemismos ou codinomes para as práticas criminosas no regime totalitário nazista exemplificam a deturpação da realidade por meio da deturpação da linguagem. Com efeito, o massacre de judeus em campos de extermínio foi chamado de “Solução Final”, “evacuação”, “tratamento especial”<sup>32</sup>. Tais codinomes ou “regras de linguagem” constituíam-se em falaciosas técnicas para camuflar as reais intenções dos líderes totalitários, que apenas eram conhecidas pelos portadores do seu real significado: os executores das ordens. O uso de regras de linguagem afastava os indivíduos da realidade e também causava o efeito de os eximir das consequências de seus atos criminosos. Deste modo. Nas palavras de Arendt<sup>33</sup>:

O efeito direto desse sistema de linguagem não era deixar as pessoas ignorantes daquilo que estavam fazendo, mas impedi-las de equacionar isso com seu antigo e “normal” conhecimento do que era assassinato e mentira.

Arendt percebeu que toda a linguagem de Eichmann era constituída de clichês, os quais estavam relacionados, para a autora, com a sua incapacidade de pensar do “ponto de vista do outro”<sup>34</sup> e estavam enraizados em sua mente<sup>35</sup>. O mais paradoxal em Eichmann, responsável pela morte de milhões de seres humanos, era a sua incapacidade de falar de forma adequada na ausência dos clichês ou regras de linguagem<sup>36</sup> e, mesmo diante da iminência da própria morte, utilizou clichês e frases feitas, como assevera Arendt<sup>37</sup>.

#### 4 – Considerações Finais

O século XX, talvez mais do que qualquer outro século, demonstrou que os homens podem ser facilmente considerados supérfluos e eliminados, como ocorreu no totalitarismo nazista. Nesse caso, a corrupção e instrumentalização da linguagem provou ser de primeira grandeza no intento de destruição de milhões de seres humanos.

Arendt, próxima ao pensamento de Aristóteles, compreende o homem como um ser da palavra<sup>38</sup>. Desse modo, o homem político é o ser que age em consonância com a sua fala. Para a autora, a ideia de poder resulta da harmonia, do concerto entre o discurso e a ação. Como registra Arendt<sup>39</sup>:

---

<sup>32</sup> ARENDT, 1999, p. 100.

<sup>33</sup> ARENDT, 1999, p. 101.

<sup>34</sup> ARENDT, 1999, p. 62.

<sup>35</sup> ARENDT, 1999, p. 125.

<sup>36</sup> ARENDT, 1999, p. 162.

<sup>37</sup> ARENDT, 1999, p. 274.

<sup>38</sup> STEINER, 1988, p. 55.

<sup>39</sup> ARENDT, 2010, p. 249-250.

O poder só é efetivado onde a palavra e o ato não se divorciam, onde as palavras não são vazias e os atos não são brutais, onde as palavras não são empregadas para velar intenções mas para desvelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para estabelecer relações e criar novas realidades.

A perda da capacidade humana de se guiar por meio da veracidade e o sentido da fala implica na perda de todo relacionamento humano, do fato de ter o homem como uma de suas características mais essenciais, a capacidade de partilhar a vida ao lado de outros homens<sup>40</sup>. Neste contexto, deve-se atentar para a repercussão presente da experiência dos instrumentos de dominação legados pelos regimes totalitários. A possibilidade de destruição da linguagem, a disseminação do uso de clichês, o reinado da mentira em detrimento da verdade fatural criam barreiras contra a realidade e são obstáculos intransponíveis para o compartilhamento do mundo. Infelizmente, tal possibilidade assumiu no século XXI novas facetas, sobretudo com o avanço do populismo e fundamentalismo, com a corrosão das instituições democráticas por meio da disseminação de “fakenews” e a tirania da pós-verdade<sup>41</sup>.

#### Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Eichmann em Jerusalém** – um relato sobre a banalidade do mal. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann; Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FORTI, Simona. **El totalitarismo**: trayectoria de una idea limite. Trad. María Pons Irazazábal. Barcelona: Herder, 2008.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na Era Trump. Tradução de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KLEMPERER, Victor. **LTI** – a linguagem do Terceiro Reich. Trad., apresentação e notas de Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

PEIXOTO, Cláudia. **Hannah Arendt**: a lei como condição para a cidadania. 2012.103f. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia. Universidade Federal de Pelotas, pelotas. 2012.

<sup>40</sup> ARENDT, 1989, p. 330.

<sup>41</sup> KAKUTANI, 2018, p. 12.

STEINER, George. **Linguagem e Silêncio** – Ensaio sobre a crise da palavra. Trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.